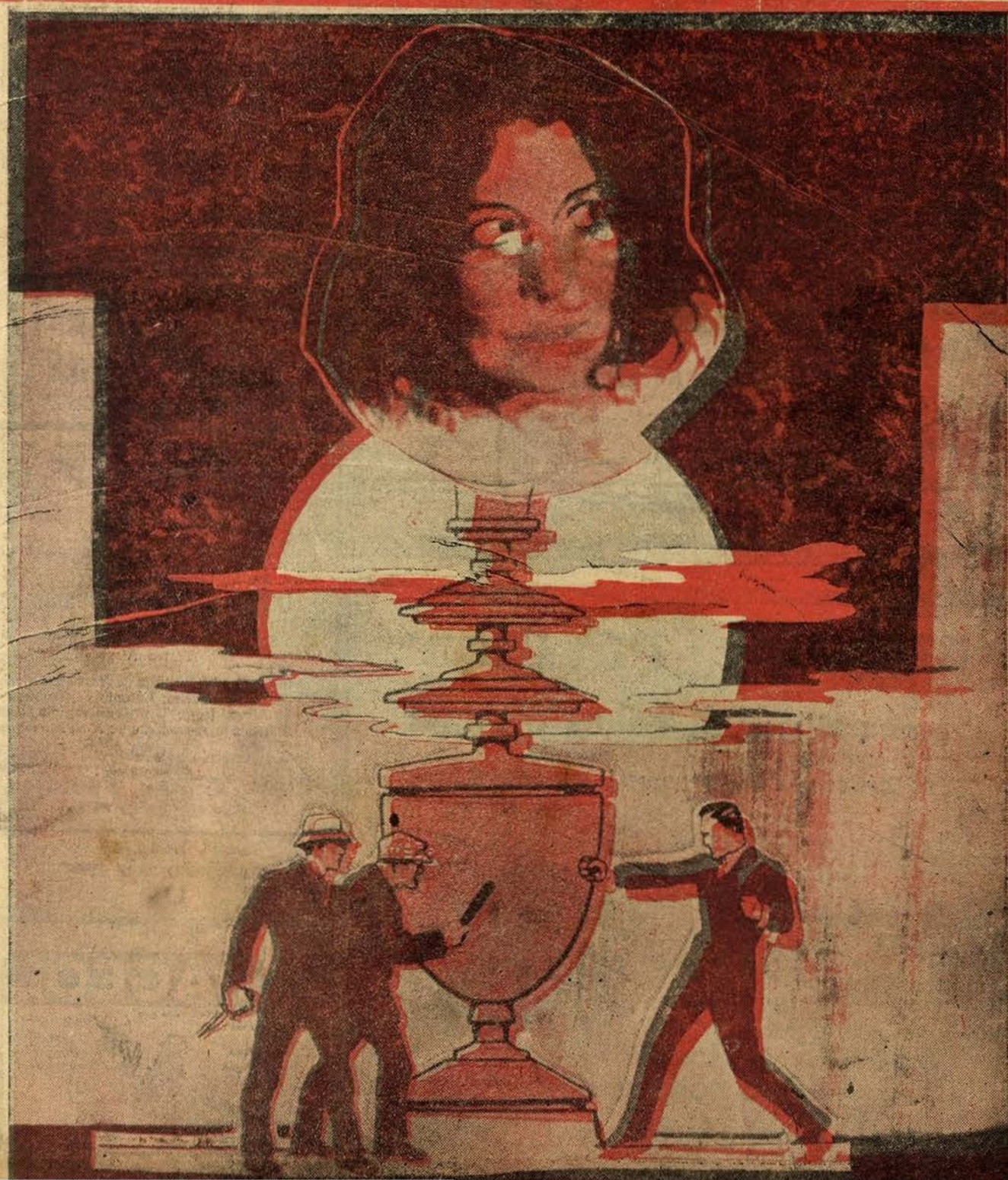


de 1932

o repórter

Semanário das grandes reportagens



CHAPELARIA SANTO ANDRÉ

ALVARO PORTELA

78, Largo dos Povoeiros, 80 (Antigo de Santo André)—PORTO—Telefone 1776

Vendas a prestações semanais com Bonus

Única e simplesmente para desenvolver a venda de chapéus para homem, em feltro ou palha

SORTEIO SEMANALMENTE PELA LOTARIA DA SANTA CASA DA MISERICORDIA

Valor 50\$00

(Vinte semanas)

3\$00 semanais

Escolhendo Chapéu superior ao valor, paga o excesso, e se for inferior, recebe a diferença em concertos, bonets, etc.

Por apresentação ou conhecimento e pagas 3 prestações, entrega imediata do valor a sortear.

Devendo mais 4 prestações perde o direito ao prêmio. Repetições passam ao numero imediato.

CARTAZ

Espectáculos recomendados pelo «Reporter X»

Teatros

Nacional - 9 314 Dansarina Vermelha
Trindade - 9 314 Frasquia
Poletiana - 9 314 Zázá
Apolo - 9 314 Hotel dos Pombinhos
Variiedades - 8 314 10 314 Piml Paml Puml
Colizeu - Luta
Capitolio - Variiedades

Cinemas

S. Luiz	9 112
Tivoli	»
Olimpia	» 2 112 matinée
Royal	»
Palacio	»
Condes	»
T. rrasse	»
Liz	»
Palatino	»
Saião Ideal	8 112

Todas as noites

TEATRO TRINDADE

A's 912—Espectaculo inteiro

Companhia Opereta Armando Vasconcelos

com Elsa Levy e José Rosa

FRASQUITA

Grande êxito

Colossal desempenho

Elsa Levy, Maria Alvares, Binira Cruz, Esmeralda Ferreira, José Rosa, Augusto Costa o (Costinha), Carlos Viana, Sebastião Ribeiro, Alfredo Henriques, etc. Maestro Wenceslau Pinto

Domingos, matineé ás 3-30

TEATRO APOLO

A's 9-30—Espectaculo inteiro

A comedia de constante gargalhada
Genero Livre

O Hotel dos dois pombinhos

Soberba realização da «Companhia de Teatro Alegre»

Brilhante desempenho de Auzenda Oliveira, Albertina Oliveira, Antonio de Souza, Abilio Alves, Jorge Gentil e Antonio Palma. Artística mise-en-scene de Antonio Gomes

O espectáculo mais alegre de Lisboa é no

Teatro Apolo

IMPROPRIO PARA MENORES

“Elegante Pavillon”

Tomaz Noqueira Cunha & Filhos

28, Travessa da Picaria, 28—PORTO

Todas as noites

Bailes

Diversões

Jogos

Aberto toda a noite

(Antigo Primavera)

PAGEOL

Ouvindo dum velho galego
 «...»
 Tinha
 Pageol



Cystites
 Urétrites
 Prostatites

ENERGICO ANTISEPTICO

reporter

O SEMANARIO
DE MAIOR TIRAGEM E EX-
PANSÃO DE PORTUGAL

GRANDES REPORTAGENS E CRÍTICA A
TODOS OS ACONTECIMENTOS DE SENSA-
ÇÃO NACIONAIS E ESTRANGEIROS

Sai às sextas-feiras e é posto à venda
simultaneamente em todo o país

PRÓPRIEDADE EXCLUSIVA DE C. GAL

Director e editor
RENATO FERREIRA
(REPORTER X)

Redacção, Administração e Publicidade
Rua d. Loreto 12-1 - TEL. 25.787 e 28249
End. T-telegr.: REPORTERX - LISBOA

Delegação no Porto:

R. Passos Manuel, 241 - Tel. 4391
Composição e Impressão

Tipografia das Publicações **avv**
Porto - Cancela Velha 39

PREÇO DE ASSINATURAS

3 meses—série de 12 números—Esc. 11\$50
6 " " " 25 " —Esc. 22\$50
12 " " " 52 " —Esc. 44\$50

Para as Colónias e Estrangeiro acrescentar
os respectivos portes

PAGAMENTO ADEANTADO

Homens & Factos do Dia

Quatro discos fonograficos—ou as vantagens da luz de azeite

um acaso de Destino ou por uma circunstancia de familia, não pertencia à elite do mando, cuja chave d'ogiva era o soberano absoluto, por direito divino. A sociedade dividia-se, dogmaticamente, em senhores e vassallos—e se entre os Senhores havia, por acaso, excepções brilhantes e actos gloriosos, os seus feitos custavam rios de lagrimas e de sangue aos vassallos; e estes, que compunham a maioria, contando, na sua funta, uma percentagem natural e portanto enorme de valores morais e intellectuais, raras vezes podiam brilhar ou alcançar a gloria—porque o talento e o valor pertenciam, por monopolio à minoria. O que succedeu com a metamorfose social de 93? Que extinguindo um pequeno numero de privilegios, destroncando apenas um grupo de classe venturosa, as grandes obras multiplicaram-se vertiginosamente porque se multiplicaram os homens de valor, porque deixou de ser obrigatorio pertencer a certa casta para se poder pensar, trabalhar, viver em liberdade. Demonstrou-se assim que, se entre os privilegiados havia homens de valor, numa percentagem de X; essa mesma percentagem, pelo menos, se encontrava na massa desventurada; e que portanto, o talento, a honra, a generosidade, o engenho, o espirito criador eram dons sem patente... E sendo assim, com que logica se vedava a uns todos os direitos que se dilatavam até ao exagero nos outros? Dizem os tais neo-conservadores: «a liberdade dos liberais é a tirania porque nos

escravisa». Não defendo o liberalismo porque, repito, elle é apenas um borrão da liberdade—uma experiência e nada mais; mas, mesmo assim pergunto. Escravisa—como? A quem escravisa? Não permitindo que as castas escravisem as «homens», em geral? E nesse caso são as castas as tiranizadas—porque não podem... tyrannizar os outros; por que se concede a todos os homens direitos iguais, segundo o grau dos seus valores e portanto não se regula o monopolio a uma minoria? E mesmo que isso representasse uma tirania não era mais generoso e justo entre dois males escolher o menor; sacrificar os poucos, que durante seculos gozaram abusiva e imerecidamente da regalia do despotismo em favor duma maioria que foi sempre sacrificada?

Que a sociedade sofre com essa metamorfose? Em que? Mas está já sufficientemente provado que a maioria dispõe de todos os elementos necessarios para comandar o a charge do pensamento, em todos os terrenos—e num numero superior aos da elite? Em que experiencia ou investigação encontram elles a prova de que a humanidade não pôde avançar sem o chicote das castas—quando bastou a pequena de liberdade de cem anos para se avançar dez seculos? Conclue-se portanto que a tirania de liberdade só os ameaça... a eles—à tal minoria; mas como não constitue uma ameaça para nós—para a maioria

(Conclue na pag. 15)

UMA gazeta que passa a vida a badalar em defeza e propaganda desse nacionalismo catita dos neo-monarquicos, crisalida do caricatural «Talassa», mas fregolisado numa espécie de travesti republicano, publicava hoje os seguintes discos fonograficos.

N.º 1 «A liberdade que eles podem oferecer ao cidadão, para além das teorias bastardas e impraticaveis, é a pior das tiranias, porque para que aquêles que não a merecem a esbajem, os outros são obrigados à pior das escravaturas».

N.º 2 «Existe ainda quem teime em não vêr no seculo XIX «le stupide siecle» que Daudet estimatizou. Como é possivel considerar «intellectuais» e «avançados» os homens que defendem teorias negativas da intelligencia; teorias velhas de emanos?»

N.º 3 «Ser nacionalista é regressar à verdade caluniada, às formulas violadas pelos usurpadores do poder; a êsse sabios séculos onde governava quem podia e devia governar; em que se sabia obedecer, e obedecendo em vez de mandar, o povo era muito mais feliz do que hoje, que é soberano!»

N.º 4 «O rei absoluto, responsavel unico, prestava contas ao povo do seu mandato—enquanto que nos regimens liberais, a chefia ocefal é irresponsavel!»

Já agora, um pouco mais de paciencia. Respondamos—com metodo. Começemos pelo disco n.º 1 referente ao que elles chamam «simulacro de liberdade». Vejamos que direitos eram concedidos aos homens antes do liberalismo (e o Liberalismo é apenas um aperitivo de liberdade). Ao falar de homens evoco todo o ser humano que, por



As excentricidades e sumptuosidades da America do Norte HA 50 ANOS...

No nosso último numero faziamos referencia a uma coleção de gravuras, publicadas ha cincoenta anos numa revista americana e que o Uhu de Berlim reproduz agora, estabelecendo um contraste entre o que é a actual vida dos Estados Unidos—cujas excentricidades e originalidades tanto nos escandalisam e o que ela era ha meio seculo. E como *specimen* ilustravamos o eco com uma reconstrução das facanhas de um tal Peggy que, em nessa época, o que Al Capone representa nos nossos dias no banditismo Yankee.

Hoje apresentamos aos nossos leitores mais dois desses curiosos documentos. Um evoca a *lei seca*—posta em pratica por um grupo de damas americanas, associadas numa especie de conjura contra o alcoolismo—as quais invadiam os bares, tabernas etc. e esvasiavam os barris da cerveja e as garrafas do whisky



America ha 50 anos. Em 1820 decretando a lei seca, em baixo excentricidades 1831: um individuo passava nu, de carruagem pelas ruas de New-York

e do Gim. A outra refere-se à excentricidade de um cavalleiro que para ganhar uma aposta feita no seu club andou povoneando-se em pleno Broadway, dentro de uma carruagem luxuosa... completamente nua!

Estes americanos foram sempre eguaes!

O calvário dos emigrantes deportados

O «tio Sam» está saciado.—A América é só para americanos...

America, «U. S. A.»... eis a quimera do ouro o sonho de doloroso despertar, que enbalou e embala ainda tantos filhos da velha Europa, a pesar—dos tristes exemplos que dia a dia se verificam. Sonho que invade as cidades, as vilas, as aldeias, os mais remotos fogos e a todos tenta na mesma ambição doirado que já se não pode realizar. «Tio Sam», está saciado. Depois de conseguir a sua independência, lançou ao velho Mundo um luminoso facho promotor de eternas venturas e flantes liberdades... e os velhos povos europeus, cansados da monotonia da sua civilização, que nada lhes prometia de novo, sangraram no Novo Mundo o melhor e o peor da sua juventude. Assim se criou a nova Patria, massa heterogenea de todas as raças e caracteres humanos. Terra Nova por desbravar, então, todos os esforços foram bons e tinham um campo de acção todas as ambições desde que a apoiassem o musculo forte ou qualquer poderosa organização secreta... Mais do que a razão imperava a forma mas, menos do que tudo imperava o coração. A ambição foi o unico Deus adorado pelos emigrantes e, quem emigrasse teria de fazer alar os impulsos generosos do seu coração para não sossobrar em pieguice Europeia... Na luta brutal pela supramacia do valor em dollars que era, e ainda é afinal, a unica a incontestavel supramacia na esta Patria de «Tio Sam».

Em 1890 já cerca de 100 mil portugueses consumiam a sua energia e mocidade nos Estados Unidos da America, ajudando a fundar aquela poderosa terra cujo poder hoje assombra. O Brasil era igualmente promotor, mas tinha muito menos de aventura e de inédito...—quasi uma continuação de Portugal.

«—Sempre partes Antonio?... Agora que cumpriste o teu serviço na tropa e odiamos ter-te sempre aqui, é triste que te deixes a mim e a tua Mãe... tão velhinha... Senão fosse esse tentador que é não larga, prometendo-te venturas que não seriam possíveis junto a nós, tu não fias não! Não fora esse homem que te arranjou comprador para a «Varsea» só para que tu tivesses dinheiro para os pais, para as passagens e... para lhe paires a ele... não nos deixavas tão sós, tão tristes como a noite mais escura. Não és Antonio, não vás que te arrependes.»

Este Antonio como tantos outros milhares de Antonio desta nossa querida terra não ouviram nem quiseram ouvir os verdadeiros e sinceros apelos, e a sorte que esperou—tão diferente da que lhe

regressarem depois á Patria, quando regressam, pobres, humilhados e sem fé no futuro, porque viram sumir-se as suas mais tentadores esperanças...

«—A emigração para a América do Norte sabem lá vocês o que isso representa de tragedia—conta-nos um médico amigo que varias vezes tem feito viagens acompanhando o triste bando de emigrantes lusitanos.

—O tratamento a bordo dos grandes paquetes é bom ou, pelo menos, sofrível: alimentação sadia, apropriada ao paladar de cada uma das raças, a quem servem os pratos preferidos; os beliches são tão asseados que até quasi resistem ao pouco asseio

cado da America que tantos milhares de emigrantes apenas conheceram naquela extraordinaria terra de promissão.

Os papeis que as pobres victimas da mistificação que engajadores deshonestos, que tanto custaram a adquirir e representam ali toda a esperança dum fagueiro futuro, são verificados e re-verificados e... quantas vezes, descoberta a sua ilegalidade ou falsificação, (isto é vulgar principalmente entre os italianos) dando-se então lancinantes scenas de desespero entre esses primeiros condenados á pena de «não entrar»... E por isto ou porque se descobre qualquer pequeno mal fisico,—na vista, por exemplo, (uma simples conjuntivite pode bastar) o mais pequeno motivo, enfim, serve para a recusa formal e sem apelo da entrada na terra da ironica Liberdade...

Oito milhões de desempregados

Eis o que o governo Federal evita a todo o transe aumentar e é a todos os titulos justo. E por isso,—informam-nos do Consulado,—aumentou imenso o rigor e ninguém será admitido d'oravante sem que possa provar possuir os rendimentos necessarios para viver mesmo quando desempregado

do sem necessidade do auxilio official do estado Norte Americano.

Mas este rigor torna-se excessivo para os pobres emigrantes clandestinos que—tentados pelos falsos engajadores conseguiram introduzir-se nos Estados Unidos e logo são descobertos pela policia, por denuncia da mesma quadrilha de engajadores que assim conseguem o premio da denuncia... depois de cobrados os honorarios do trabalho de introdução... O negocio da emigração clandestina na America está tomando proporções tais que em breve rivalizará, pela sua ferocidade e importância, com o negocio do contrabando d'alcool—com o seu cortejo de «gangsters» e assassinos.

Al Campone, por exemplo, já provocou varias interpelações no Parlamento de Washington:—Porque se não incluiria este



de alguns passageiros... as casas de banho muito boas, mas raramente utilizadas pelos nossos compatriotas e pelos espanhoes,—que, juntos, formam o grupo mais triste e menos sociavel entre as cinco ou seis nações que, no geral são largamente representadas nestes transportes de esperança e dor...

—Tudo vai bem até á chegada e a carga humana do navio exulta á primeira vista da estatua da liberdade—que logo, não repare na expressão de ironia que a caracteriza... e tão justificada é pelo excessivo zelo dos funcionarios de emigração que breve iniciam a rigorosa selecção dos que hão-de entrar... e dos que terão de voltar sem pisar outra terra que não seja a dos *desgraçados*—uma ilha afastada da terra uma boa legua onde, como em leprozia de luxo, são lançados todos os indesejaveis chegados ou para partir, aguardando o regresso ou solução para as suas

Um português que resolve a crise financeira

Viajando pelo mundo

sem gastar dinheiro

«Tenho assunto que vos interessa...!»
—«E onde está?—perguntamos, alertados»
—«Aqui mesmo, no «Royal»! Mas venham depressa—que é um «assunto» que não espera... Outro aviso... Não digam que são reporteres... Seria o mesmo do que declarassem já perdiz que eram caçadores das ditas...»

Dez minutos depois, pulando para o terraço do Café Royal, no Caes Sodré—ainda com o taxi em marcha—deparou-se-nos, abancados a uma meza o nosso

queimasse a fortuna a conhecer o mundo. Qual não foi o nosso pasmo quando o amigo Z..., para provocar confidencias mais íntimas o enterrompeu para nos informar: «O Adelino é um rapaz tão habil, tão inteligente que resolveu o problema financeiro... Não preciso de dinheiro para fazer a vida que fiz, para realizar as viagens que realizei!»

«—Não é possível!—exclamamos, incredulos.

«—E' verdade! afirmou o jovem, com certo calor; e para que não nos restassem duvidas—prossigui: Por exemplo: esta minha ultima viagem aos Estados Unidos. Ha muito que eu ambicionava conhecer a America do Norte—mas, infelizmente os meus recursos eram... menos do que insuficientes. Tracei logo o meu plano. Um dia soube que o Transatlantico X... (ocultemos o nome do paquete) vindo do Mediterraneo tocava em Lisboa ás dez da manhã e que largaria ás 5 da tarde, com rumo a Havana e New-York. Enchi as malas sem esquecer o *smocking*, que é uma



EM CIMA: Adelino Ribeiro—EM BAIXO: O transatlantico em que realisoa a sua viagem à America

amigo Z..., um dos «voluntarios» das grandes informações a quem o nosso jornal deve já alguns dos seus exitos; é um moço moreno, de cabeleira ondulada e crespa, olhos miudos, vivos, o nariz minuscuro, um ar paradoxal de infantilidade e de energia, de lirismo e de decisão. Em obediencia as indicações recebidas telefonicamente—demo-nos por encontrados, abrindo a boca num oh! estrondoso de admiração! «O quê? Por qui?—«Não pensava ver-te a esta hora»—e outros embustes do mesmo quilate. Preparado o terreno—fizeram-se as apresentações. O moço que acompanhava o nosso amigo chamava-se Adelino Ribeiro, contava apenas vinte e cinco anos e, pelo decorrer da palestra via-e que era viajado como um *globe trotter*; mas pelas evocações dessas viagens—hoteis, meios de transporte, conhecimentos que fizera, relações de amizade que mantinha, locais que frequentava—dava a impressão dum diplomata ou dum milionario irrequieto que

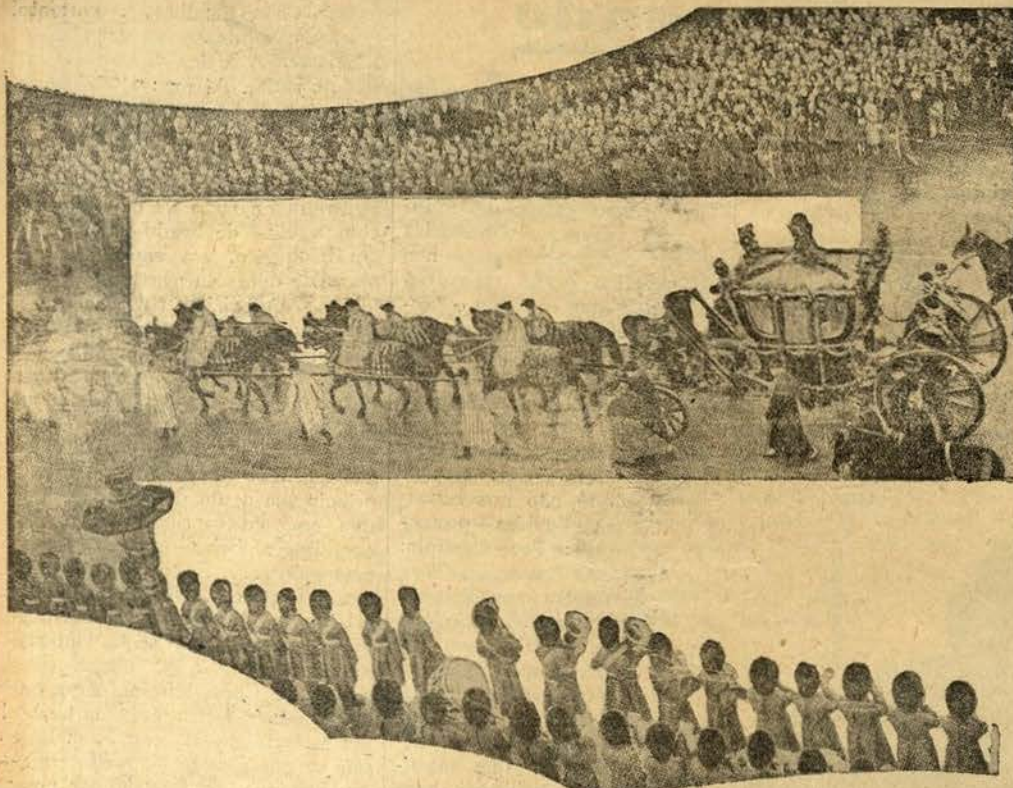
indispensavel ferramenta do meu officio (e que me custou o mesmo preço que me custam as viagens), e trajando como um *chauffeur* de casa burgueza dirigi-me a bordo... E' preciso notar que estampilhei as malas com etiquetas de varios grandes hoteis europeus—de que possuo um razoavel stock. Uma vez a bordo, declarei, porque me impediam a entrada, que aquilo era a bagagem do meu patrão que vinha mais tarde e que me mandava esperar por ele. Das 11 da manhã ás 5 da tarde entra e sae muita gente—e eu fui-me afastando pouco a pouco, cautelosamente até calcular que ninguem me recordava já. A seguir dirigi-me á terceira classe, fiz-me reconhecido por um emigrante e dei-lhe a guardar as malas. Logo que o barco levantou ferro, escondi-me no W. C. com uma das malas, vesti o *smocking* e passei para a 1.ª classe. Após um rapido estudo certifiquei-me que havia duas cabines sem passageiro. Fui buscar as malas e instalei-me. E' preciso conhecer a tecnica do *controle* a bordo para com-

preender que desde que os criados habituam a ver uma cabine occupada, lhes passa pela cabeça que o passageiro seja um intruso, nem os officiais desrevisar esses detalhes... Portanto, todos os efeitos eu era um passageiro 1.ª classe. A unica dificuldade esta sala de jantar. Aí sim: o *maitre* com comensais e estes, no primeiro dia, de declarar o numero do seu bilhete. Estava-me portanto vedada... a sala de jantar—e no que mais me complicava atrito era no facto de me ter relacionado com a élite de bordo—dois milhonarios um banqueiro, um empresario etc. olhos de quem eu passava por romancista felizardo que viajava para encher o estomago de novas visões; e que, á hora das refeições me convidavam a sentar-me a meza; «Não posso... Primeiro este tratamento duma despepsia nervosa no segundo logar detesto o ruido, o *bru-hu* do *snobismo*... Salvei-me de ficar redolente a Pappuso o ter prometido uma grande principesca a um dos criados dizendo que era um caprichoso e que preferia as comidas plebeias—ás que serviam aos passageiros... E éle dividiu comigo as suas refeições... Dias antes de chegar a Havana... anunciei aos meus amigos a bordo que... me sentia indisposto—passei-me para a 3.ª classe. Chegando a capital de Cuba, informei-me a que hora se levantava ferro: ás 3 da tarde. Logo fui um emigrante para levar as malas e sair o que ficavam naquela terra; de agrupando-me aos que vão dar um passeio a terra—declarei aos guardas: «Passagem em transitio!» Já se vê que não voltei a terra. Uma vez em Cuba averigui que todos meus amigos milionarios se hospedavam no Palace Hotel para uma curta estada. Dirigi-me a éle, contei-lhe num desemulho bem imitado, que tinha sido vítima de um *atraco*—levando-me os gatuños e todo o dinheiro como passaporte etc. julgue que venho pedir-lhe qualquer coisa—avisei-o com dignidade ativa. Nunca aceitaria—mesmo que fosse obrigado a pedir esmolas na rua. Desejo apenas, meu amigo faça com que eu não interrompa a minha viagem—acrescentando a aventura á minha coleção de experiencias. Como? Contratando-me como secretario, levando-me consigo aos Estados Unidos dando-me trabalho que corresponda aos gastos que fizer comigo—incluindo o regresso ao meu país. «E' preciso contar que eu fóra para éle, durante a viagem, um companheiro de 1.ª classe homem superior, um artista rico hesitou. E graças a esse amigo vi-mezes nos Estados Unidos e estive regresso a Portugal.»

Adelino Ribeiro, usando de procedimentos engenhosos como este foi para aos 18 anos e no «sud!» Esteve em Londres, Berlin, Roma; conhece toda a Europa e a Asia e o norte de Africa outras profissões citou-nos as seguintes: criado de quarto, cantador de fado, teatino de hotel, guarda-livros, capitulo de obras, figurante de teatro e de fotografado de jornaes, varredor de

(Conclue na pag

O Fim dos Lordes ingleses



legítimo e poderoso Lord de Inglaterra acaba de declarar dever ser em breve iniciada... defendendo-a calorosamente.

Sir Stafford Cripps, K. C., M. P. filho primogenito de Lord Parmoor e solicitador geral do Governo Trabalhista, actual deputado na Camara dos Comuns, propõe e defende participar com o franco apoio do seu partido e em principio, da maioria dos seus colegas conservadores, a reorganização constitucional Inglesa, para abolição completa da Camara dos Lordes! Adeus tradição! Que será desses senhores sem o poder do mando, agora que o poder da finança parece tambem cambaleiar e fugir-lhes das mãos?

Dado este passo, destruída esta barreira,—verdadeira muralha da China entre o passado e o presente,—até onde irá a coragem e a ambição da igualdade do povo inglês?

Vai até onde for justo e necessario ir para o bem da maioria.

E não é por fatalismo—doença desconhecida entre aquele povo prático e moralmente saudavel, que ali, quasi sem excepção estas grandes revoluções capazes de por si abalarem as creanças e os principios mais fortes,—porque lhes destroem as bases,—são aceites e acatadas com ordem e com respeito, Chamam-lhe fleuma? Erganam-se. E' educação civil... é o fruto milagroso da educação d'um povo. E' a obra da Escola que fecha a prisão... porque ensina a saber ter direitos para os poder exigir... sem violencias.

**Prepara-se na Democracia
Inglaterra um golpe mortal
no poder dos Lordes. A
civilidade inglesa dá lições
ao mundo inteiro e realisa
milagres...**

Poucos países têm sabido, como a Gran Bretanha, evolucionar a tempo para evitar as revoluções populares e intelectuaes...

Houve um Governo chamado trabalhista, pelos seus compromissos se viu forçado—sacrificando principios umas vezes, cedendo por outras—levar o erario publico a uma situação difficil porque foi demasiado exigente para com os grandes os verdadeiros, os Senhores da Finança, e porque foi generoso demais para os outros?

Impunha-se uma satisfação ao mundo Capitalista que receiava a copia dos *maus exemplos* dados por aquele Governo? Muito simples até vantajoso: Crise Ministerial, Crise economica, panico nas Bolsas Europeias e Americanas e depois... e depois um Governo de Contração presidido pelo Chefe do Governo anterior mas compartilhado pelos seus antagonistas da vespera; novas e renhidas eleições e tudo como dantes ou melhor, pois tinha sido o mais um passo em frente a-pesar-da mudança de rotulo...

Lord Derby fôra forçado pelo exagero das atribuições de então a vender alguns dos

seus melhores *pure-sang*? Lord Durham é agora levado a vender os quadros de familia, pela mesma razão.

Os sem trabalho recebiam uma pensão do Estado? Os sem trabalho continuam a não morrer de fome. Onde se verificou por uma modificação importante que representasse um minimo que fosse de acção regressiva ou anti-democratica?

Não; mais uma vês os tristes reacionarios da velha Europa que tam prestos cantaram hossanas ao suposto regresso daquela monarchia a principios mais *rigidos e austeros*—que a outros servisse como incentivo e exemplo—recebiam uma excelente decepção pela prova de exemplar orientação democratica que o mais tradicional de todos os Estados Europeus acabava de dar ao Mundo...

A velha e austera Inglaterra resolveu ha muito, encarar bem de frente a inevitavel revolução economica. Fiel ao bom principio de «melhor prevenir que remediar», traçou um plano que pouco a pouco se vai cumprindo. Era inevitavel; o bom proverbial senso britânico farejou-a e foi ter com ela...

Restava porem—e resta ainda—um baluarte, o forte, o mais resistente baluarte ao qual se recolheriam se necessario fôsse, os cegos defensores do passado. Esse grande baluarte que a tudo havia de resistir,—a furia dos direitos, a sede de liberdade, a ancia de igualdade—era e é de facto o mais resistente de todos os elos que ligam o presente ao passado n'aquelle grande País: A Tradição! Quem ousaria tocar-lhe? Mas como seria possivel conseguir a evolução necessaria para evitar a «Revolução acto de força»—sem que esta fôsse gradual mas totalmente abolida?

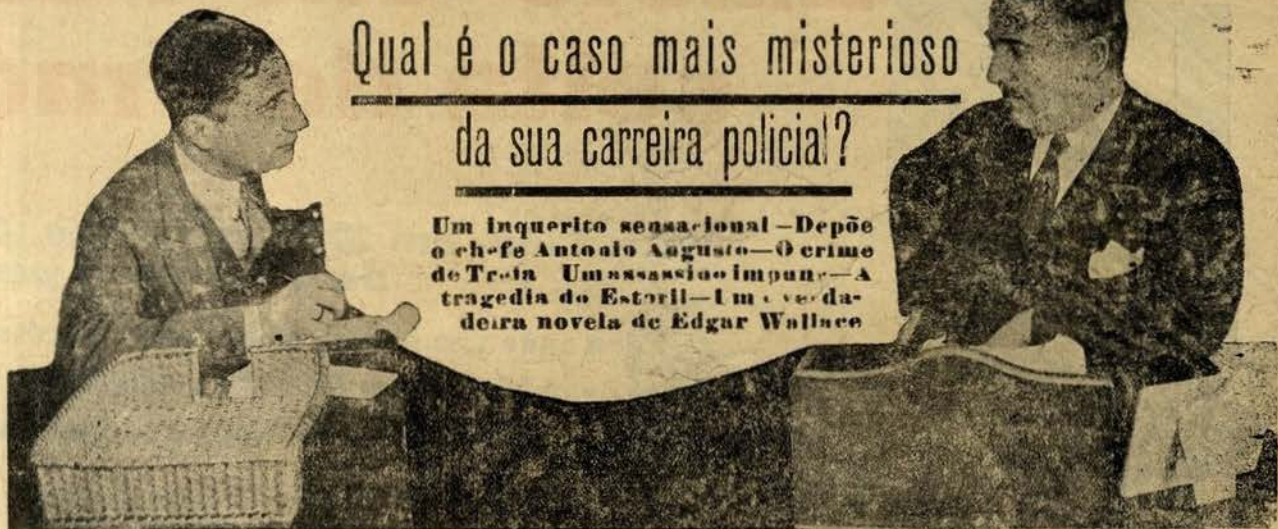
Eis a obra que um herdeiro legitimo d'um

Mannheimer V. G.
SEGUROS DE AUTOMÓVEIS
TELEFONE 23533
L. Barão de Quintela, 11-2.º

Memorias dos nossos melhores "detectives"

Qual é o caso mais misterioso da sua carreira policial?

Um inquerito sensacional—Depõe o chefe Antonio Augusto—O crime de Troia—Um assassinio impune—A tragedia do Estoril—Um verdadeiro novela de Edgar Wallace



O chefe Antonio Augusto Soares Longo, da P. I. C., é um dos mais distintos «detectives» da nossa policia, não só pelos seus conhecimentos da investigação scientifica como pelo seu aturado estudo da complexa psicologica dos criminosos. Apesar do nosso meio criminologico ser, felizmente, um tanto restricto no que respeita a delitos de grande cunho rocambolesco, os «detectives» portugueses tem demonstrado a sua argucia, a sua vocação e a excelente tecnica e por vezes em casos verdadeiramente misteriosos, auxiliando, duma maneira notavel, as diligencias das policias internacionais. Na vida profissional dos «detectives» portugueses, existem «affaires» absolutamente inéditos acerca dos crimes e escandalos que mais tem impressionado a opinião publica. Trazer a publico algumas revelações desses homens, eis o objectivo desta nossa reportagem. Começemos pelo chefe Antonio Augusto—abindo assim com chave d'ouro este inquerito sensacional. . .

O chefe Antonio Augusto conta-nos dois dos casos mais misteriosos da sua carreira policial

Quando abordamos o chefe Antonio Augusto, houve, da sua parte, um sorriso, uma tentat va para se furtar modestamente á entrevista. E depois de instado, affirmamos:

—Tenho tido tantos e tão variados casos misteriosos na minha carreira policial que, francamente, não sei quais hei-de mencionar-lhe. Nunca pensei em ser «detective» ou coisa que o parecesse. A vida lá se encarregou de me embulhar nesta carreira acidntada onde tenho cumprido o meu dever o melhor que tem sido possivel.

O chefe Antonio Augusto, meditou um pouco, acendeu um cigarro e, por fim, confidenciou-nos:

—«Olhe; para mim, os dois casos mais curiosos da minha carreira, pelas características misteriosas que os distinguem,

são: o aparecimento de um cadaver de mulher proximo de Troia, em Setubal, e a morte do «chauffeur» Arraia, no Estoril.

Foi em principios de 1914. Um dia, no descampado da praia de Troia, proximo de Setubal, appareceu o cadaver de uma mulher ainda nova, apresentando alguns golpes profundos que lhe haviam causado a morte. Pusemo-nos em campo e, averiguamos tratar-se de Maria Antonia Cascais Felix, casada e com uma filhita de pouca idade. A principio ninguém tinava com os motivos que podiam ter causado aquele crime. Depois, soubemos que a pobre mulher, tendo os pais ainda vivos, era assediada por um individuo de certa idade que, vindo não se sabe de onde, se inculcava seu legitimo pai, explicando o facto com uma aventura amorosa da sua mocidade. A Maria Antonia ocultava este caso ao marido. Porém, a mãe deste, espianando, conseguiu assistir a algumas conversas havidas entre a Maria Antonia e o individuo que se dizia seu pai, indo seguidamente, comunicar ao marido da rapariga que ella possuia um amante. Deram-se as naturais cenas de ciúmes. Apesar de tudo, a Maria Antonia nunca deixou de afirmar que o estranho individuo não era seu amante e que, a acreditar no que elle dizia, era, efectivamente o seu verdadeiro pai.

A vida do casal, tornou-se um inferno. E, um dia, a Maria Antonia, appareceu morta, como disse, na praia de Troia. Crime? Suicidio? Ainda hoje se está para saber a verdade desse estranho caso. Das investigações nada se apurou que compromettesse o marido. Ninguém soube explicar, porque não havia base para isso, a forma como a mulher surgiu naquela praia. Apenas tempos depois se veio a saber que, na tarde anterior ao aparecimento do cadaver, a sogra da Maria Antonia se dirigira furtivamente, á praia de Troia, donde só regressou á noite e procurando não ser vista.

—E nunca se chegou a uma conclusão?

—Não! O caso do ca taver da praia de Troia, há 18 anos que permanece envolto no mais profundo misterio. Talvez um dia

se explique os «porquês» da ida da sogra da Maria Antonia, á praia donde surgiu o cadaver... E então... a verdade surgirá.

A morte do «chauffeur» Arraia e da velha Friza

Depois de se referir a muitos casos verdadeiramente enigmaticos e que, graças ao seu faro policial, tem sido descobertos o nosso interlocutor, afirma:

—O outro caso que mais me tem impressionado é o da morte do «chauffeur» Arraia.

Porque o mataram, se elle era um pobre rapaz, pacato, excelente chefe de familia e geralmente estimado? Porque se deu o ataque traiçoeiro que o vitimou? Quem eram, verdadeiramente, os assassinos? Qual o mobil do crime?

É muito provavel que, um dia, desapareça o torvo mistério deste crime estranho e que surjam revelações surprehentes para todos. O que lhe garanto é que a morte do pobre Arraia foi um dos casos que conseguiu fazer vibrar a minha alma de homem e de policia.

—Os outros casos... —um sorriso e o chefe Antonio Augusto, conclui: os outros... são os casos de sempre.

Falamos-lhe na burla dos bilhetes de tezouro que o arguto «detective» descobriu duma forma admiravel e elle limita-se em responder-nos:

—Ora... O assunto dos bilhetes de tezouro, deu trabalho mas... ha de prever que o resultado seria o que, depois, se tornou publico. Um assunto interessante é tambem o da morte da velha Friza, no largo de S. Paulo cujos autores, apesar de todos os nossos esforços, estão impunes.

E tantos, tantos outros casos...

E o chefe Antonio Augusto, concluiu por nos dizer, com um sorriso amigavel:

—Por mais que digam, tudo isto é um reflexo da «civilização»... Como vê, até no crime se notam uns requintes de perfeição em de truir indicios e em procurar as melhores pistas! Sinaes dos tem

Existe em Portugal uma seita de "mormons,"

Fundada, em 1927, pelo Rev. Cristian que foi expulso da Alemanha, pouco depois

Para onde vão as jovens que todos os dias desaparecem da casa paterna?

Que secreto drama enluta certos lares—enjas filhas casaram... mas não voltam nunca mais?

O Dr. Lavado, um «mormon» português, seis vezes bigamo é preso em New-Belford

Os escândalos do Rev. Theobald Christian

Um dos mais amargos deveres profissionais, é, para mim pelo menos, o provocar o ridículo recordando aos leitores qualquer sinónimo que a grande maioria sabe de cor! Comparo-me aos Acácios das *soirées* familiares que nos torturam com o «Estudante Alsatiano» eu que nos revelam numa pose de irriditos, o segredo da T. S. F. Tenho a impressão que o público tira do bolso um lenço e faz com ele uma boneca... para me escutar! Mas todo o jornalista deve partir do princípio que nem todos os leitores são enciclopedistas—mas dessa enciclopedia epidémica de almanaque, ao alcance de todos, e que esses têm o mesmo direito dos outros em compreenderem o que nós escrevemos. Portanto, que me perdoem os que leram o «Le Salut de Pierre Benoit» e «The First Mormon» de Charles Hornung.

Nenhum dos cronistas dessa seita escandalosa, conhece, ao certo, as suas origens que dev m estar muito longe de todas as hipóteses aceites e que datam seguramente duma antiguidade maior da suposta. Se assim é—viveram, durante seculos, num segredo tão rígido que nenhuma lei ou religião os incomodou. A fase registada, aquela que está ao nosso alcance, a que parece marcar um início—sendo um prolongamento ou uma evolução—pertenceu ao seculo passado e teve como causa e objectivo apparentes a defeza, a pureza da raça branca.

Foi nos Estados Unidos coincidiu e com a libertação dos escravos o que dava um novo vigor á raça negra, nivelando-a socialmente á dos ex-seuhores. A seita saiu do mysterio que a gerára, pregando a necessidade de intensificar numericamente a população branca; e conjunta-

mente com a sua actividade maçonica, criaram uma nova religião, irradiada de protestantismo mas, que interpretando com um criterio original certas paginas de Biblia e pondo esta interpretação ao serviço dos seus apparentes fins—lhes permitia organizar um sistema de vida escandaloso e que, se não era a unica verdade da sua seita e da sua religião—foi, pelo menos, o que tornou mais notavel a sua criação, cel-brisando-a mundialmente. Seguindo os mormons, Deus dizendo «crescei e multiplicai-vos»—aconselhava, implicitamente, a bigamia, visto que, quantas mais mulheres tivesse o homem—maior era o numero de filhos em que ele garantiria as leis da continuidade humana.

Alem disso—sempre hipocritamente adentro das suas interpretações religiosas—o lar ficava mais solidamente constituído, aumentando o numero de mulheres e de novos successores que trabalhariam sob o mando... carinhoso do chefe. E a bem com Deus, graças a estas teorias, os bigamos expulsavam então o seu altruismo social: é que a bigamia multiplicando as possibilidades de desenvolvimento numerico, opunha uma solida fronteira aos perigos com que a libertação dos negros ameaçava a raça branca. Construído com esta habilidosa velharia o dinamo da seita religiosa os seus iniciadores encontraram logo centenas de aderentes, atraídos apenas pela legalisação da bigamia—estendendo por toda a parte novas e poderosas influencias de todos os generos. Mas uma resistencia surgiu immediatamente a enfraquecer-lhes a marcha: as mulheres. Se agradava a muitos homens a ideia de dispor de varias mulheres legítimas; eram poucas as que aceitavam, sem revolta, o destino de compartilhar, em grupo de um só esposo! Mas não eram os mormons de quilate a desistirem só porque o sexo fraco os hostilizava ou se negava a colaborar com

elles. Vieram as violências, os raptos, os crimes, praticados sob a protecção maçonica da seita e com todas as garantias de impunidade. E as desgraçadas que elles arrastavam á força, para a bigamia, uma vez escravizadas, sequestradas, adaptavam-se sem animo para revoltas. Durante anos os mormons alastraram-se livremente; mas deu-se por fim, o inevitavel, numa sociedade civilizada: veio a reacção da parte sã do paiz; e se elles não foram imediatamente e totalmente derrotados, devem-no á sua admiravel organização secreta de defeza e manejo de influencias e de interesses criados. Contudo o governo não extinguindo a seita, fixou-

Partiram então para as margens do Lago Sagrado onde viveram, como humanidade á parte, durante algum tempo. Mas mesmo dali as garras dos bigamos ameaçavam as familias mais honestas e mais longiquas; e estes escandalos, acompanhados por outras façanhas não menos tragicas (contavam-se por centenas os desertores ou infelizes que pagavam com a vida a sua falta, por mais que fugissem ou se occultassem) obrigaram o governo a empreender uma offensica energica contra a seita, dissolvendo-a. Espalharam-se pela America e pelo mundo os mormons e durante viute, trinta; quarenta anos pouco se falou d'elles. De tempos a tempos noticiava o falecimento dum dos chefes ou a morte misteriosa dalguem que aos mormons pertencera. O ultimo eco que me recorda data de três anos e dizia assim: «A «Chicago Tribune» recebeu do seu correspondente em Berlim a informação que a policia procurava activamente um individuo de nacionalidade americana, Theobald Christian, que veste como qualquer pastor protestante e que é acompanhado por cinco senhoras que ele apresenta como esposas. O motivo que obrigou o commissario geral da policia a perseguir este estrangeiro foi a denuncia documentada que Theobald Christian é um dos dez chefes mormons que viajam pela Europa organizando delegações (?) da seita que continua a existir, secreta e clandestinamente nos Estados Unidos. Ao que nos consta os desaparecimentos da casa paterna de numerosas meninas desta cidade e das de Hamburgo, Leipzig, Munich, etc., são atribuidas a uma seita de mormons alemães.»

Pois bem: antes de Theobald Christian, cuja favorita entre as suas cinco esposas, é uma portuguesa—filha dum actor falecido e cunhada de um comerciante do Rio de Janeiro—antes de visitar a Alemanha e de organizar n'esse paiz a seita dos mormons—visitou e organizou em Lisboa, uma filial da sua maçonaria de bigamos!

O episodio da pensão da Avenida

Existe, no principio da Avenida da Liberdade a seguir a uns predios visinhos a certo cinema da Praça dos Restauradores uma pensão de certo tom, que foi instalada, num terceiro andar, por uma senhora francesa.

Em 1927 hospedou-se nessa pensão um estrangeiro da maxima respeitabilidade, com uma senhora que o acompanhava e que falava correctamente o português, sempre que a ele se referia a outras pessoas, tratava por Reverendo! Um dia o Reverendo preveniu a sua hospedeira de que necessitava mais quatro quartos para alojar quatro damas, suas compatriotas, que deviam chegar brevemente a Lisboa. Essas damas vieram um dia, guardadas por uma senhora idosa e de herculeo aspecto que trajava de negro. Mal as deixou entregues ao Reverendo—despediu-se e partiu. As outras, bastante mais jovens, ficaram e pouco depois a dona da pen-



Casou-se e possui já sete esposas... legítimas!

A entrevista fôra solicitada de dia, pelo telefone—escudada pela evocação de um amigo nosso que, segundo afirmou o individuo que nos telefonava, o aconselhava a servir-se do seu nome... O desconhecido foi pontual. As onze e meia batiam á porta da minha residência particular. Cumprindo as promessas feitas telefonicamente, eu proprio fui abrir, mas o outro que eu mal distinguia, por tal fortuna se empastilára na negrura da escada—não se afoitou a entrar sem eu primeiro lhe garantir que estava sozinho e que não temia a surpresa de qualquer im-ortuno. «—Peço-lhe que me perdoe tantas cautelas e que não me tome por um ridiculo assustadico. Diss-me, emboscado ainda pela escuridão—Mas... já vai compreender, se me quiser escutar, as razões que me impõem tanta prudencia.»

Ao passar a fronteira da luz, estremeceu como se as lampadas electricas o duchassem de agua gelada. Apesar do «cach-cali» e da gola levantada do sobretudo que o mascaravam quasi até á boca e dos enormes oculos fumados que lhe apagam o mais precioso documento «fisionomico»—os olhos—tive a noção de me defrontar com um individuo duma tealdade inverosimil e duma magreza que não denunciando qualquer enfermidade aguda, revela um gasto fisico exagerado, transparentando a caveira e vendo-se, através da pele, todo o mecanismo das contrações faciais. A dentadura enorme, saxonica, que os labios a custo cobriam, mui branca e fel'n; os «tics» nervosos, variados, que o obrigavam a continuos trejeitos e momices; o capu lúhuo imperfeito, que delhudo, adaptando-se mal ao cráneo peludo; os tremores chronicos das mãos ossudas, enclavinadas como que num alijão de artritismo—agravavam a apparencia desagradabilissima do meu mimigatico visitante. Não quiz aliviar-se dos abafos que o velavam nem separar-se do chapéu e da bengala que trouxe consigo para o meu gabinete. Depois, numa meia vo que não era tímida, mas sim confidencial, como se viesse conjurar comigo planos maquiavelicos e sangrentos—começou o seu monol-go, sem uma pausa, sem uma emoção, sem um aparte.

...E foi graças ás revelações dessa noite que eu me lancei na pista dos «mormons» portugueses—ou seja de Portugal—visto que entre elles existem estrangeiros



...do departamento da Praça dos Restauradores do Palace do Estoril...



Maria Tereza Lavado (foto tirada na policia de Marselha). Em baixo: a prisão do marido de Maria Tereza João Augusto Lavado em 2 de janeiro ultimo, em New-Belford ao lado, de chapéu na cabeça, o detective que o prendeu.

lhe o abandono immediato da casa. E porquê? quiz saber o estrangeiro.—Porque a sua conducta escandalosa todos os meus hospedes; porque o senhor não passa uma só noite no mesmo quarto! Sorriu-se o reverendo num tom de quem pensa. Perdoai-lhe, Senhor que não sabe o que diz!—e sem regateios, saiu da pensão. Durante uns meses—não se soube o paradeiro daquella estranha familia! Mais tarde, no Estoril... Mas passemos a palavra ao meu estranho visitante...

As cinco enjauladas e o chalet incendiado

—«Numa praia da linha de Cascaes e anterior ao Estoril, existe um «chalet» que foi alugado por um rico do Norte, muito conhecido da sociedade portuense e com fama de pessoa viajada e de grande cultura. O recheio d'esse «chalet» foi transportado de noite—até de madrugada—e gastou quasi uma semana a fazer-se. Não abundavam os visinhos; mas as duas ou três unicas familias que podiam, das suas janelas, bisbilhotar o «chalet» não tardaram a alar-mar-se com o que se passava—precisamente porque nem se passava... coisa alguma de extraordinario. O rico portuense sozinho; vivia sem criados; era elle proprio que fazia as compras, regressando de Lisboa, no seu auto, que elle proprio guiava, atarracado de embrulhos; tudo levava a crer que era elle proprio que cozinhava... ninguém conseguira ainda entrar sequer no vestibulo e a porta só se abria após mil cautelas. O senhorio, agulhado pelos boatos que corriam exigiu revistar a sua casa—mas o inquilino opoz-se a isso tão tímidosamente que irritou o senhorio e este foi para a justiça. Quando aquele o soube tentou freinar a colera... sendo-lhe propostas tentativas...

a compra do «chalet»—que o senhorio... o mist'rio continuou intacto.

«Alvo de todas as suspeitas—o po começou a ser vigiado. Soube-se que elle amudadamente um estrangeiro que vi Estoril, que esse estrangeiro reunia em si individuos que se não fosse o janotismo d'alguns e a apparencia grave dos outros ser alcunhados de suspeitos; e que essa realizou, em caravana, varios «raids» em autos de cortinas corridas.

«E' muito possivel que tudo ficasse e tos e curiosidade ardente—se outra circum mais ardente não viesse violar o segredo «chalet»: um incendio que afugentou cinco senhoras de cuja existencia ningu peitara até então!»

O português de Mars e o português de New-Belford

O meu informador desenterrando d um jornal, prosseguiu:—«O senhor não «L'oeuil de la police» que se publica em M e que é maraqueado grosseiramente de tective» de Paris? Então não admira tenha passado despercebido esta noticia que os jornais de Paris pouco ou nada d sobre o assunto e portanto os corpos dos nossos diarios não a telegrafaram portugal. E se «L'oeuil de la Police» se revela foi porque o caso se passou em M. Veja...»

Desdobrando a gazeta e passando as minhas mãos destaquei logo uma reportagem encimada pelo titulo de «Le portugais épouses—e illustrada por duas gravuras representando uma jovem de excessiva mada e triste e outra dois individuos—pector de policia e um preso. O preso es o rosto ao fotografar; e como ambos chapéu de palha—corri a vêr a data de era de Agosto do ano passado. A noticia-tava-nos o seguinte episodio: que o com do vapor «Roma», vindo da America d desembarcava em Marselha três damas, nacionalidade portuguesa—duas de idade franceza mas que vinham as três e das pelo consul da França. A historica damas era pitoresca—embora bem triste: sido burladas por um cidadão portu nome Augusto Lavado, que se intitulava em direito e que casara, com pequenios, não só com aquelas três vitimas m com quatro outras, que tinham ficado rica. Pelos modos do dr. Lavado pertencente de bigamos e escravizava as suas esposas até á ignominia. A sua vitimguêsa chamava-se Maria Tereza Lavad gamo foi preso pela policia de New-Lida a noticia o meu visitante continou

—«Essa senhora, Maria Tereza Lav seja Godinho, que é o seu apelido de tinha, em 1928, 23 anos e residia, com se numa pequena terriola proximo das Um dia appareceu o tel dr. Lavado e, artes a seduziu que, contra a vontade e que presentiam grave infamia, se caso cavalheiro, levando, como dote, algum de reis! Ao contrario do prometido, o pouco depois do casamento, levou-a Lisboa para o Estoril e do a poucas noticias que os paes recebia rareando até findarem misteriosamente ainda algumas almas caridosas que os da passagem do dr. Lavado, por vario do país—mas sempre sosinho, sem se saber qual era a sua residencia fixa que uma sobrinha dos paes de Maria Te nunca saiu duma cidade transmontana, aos tios o seu proximo casamento advogado de Lisboa—o dr. Z—não me já do apelido (que não era Lavado) no doxal em um cavalheiro d'alma tão s um amigo da familia fez com que o noiva fosse visitar aqueles parentes o retrato... do noivo! Os irmãos d autoridades da terra preparavam uma falso dr. Z...—mas houve alguém q veniu a tempo e ele não tornou a apar é uma das provas do poder e vastida

Como eram a estalagem, o botequim, o hotel, o "restaurante" e a pensão de família...

Desde o reinado de D. Pedro I até aos nossos dias

Está dito e redito que Portugal é um país sem hotéis nem *restaurants*. Se na província existem estalagens onde só *zulus* recebem chaginos do sertão se sentiriam bem instalados—em Lisboa essas deficiências vergonhosas tomam, proporcionalmente, aspectos mais graves—porque os próprios estabelecimentos indíviduos de 1.ª classe não se nivelam nem aos de primeira de certas pequenas cidades europeias... Basta, para isso, evocar Copenhague, Bruxelas, Haya e até Belgrado, capitais menores, e nos Palácios oferecem as mesmas suntuosidades, comodidades e modernismo dos «Ritz» de Paris, dos «Savoy», de Londres ou dos «Central» de Berlim... Basta recordar Stokholm, capital de 300 mil habitantes—metade de Lisboa que possui 30 hotéis de 1.ª e 2.ª categoria; e uma centena de restaurantes, cafés, *hôtels*, dum luxo entontecedor...

Mas não é só neste aspecto o que prova o nosso atraso. Encarando o problema sob outro extremo—o da economia, a nossa inferioridade agrava-se consideravelmente. «Mau e caro»—é a devise dos nossos hotéis e restaurantes—com raras excepções que, por o serem, e por falta de técnica, não triunfam. O lisboeta ou o forasteiro, se quer comer barato ou se eqüivoca, entrando numa das muitas casas de pasto de estilo galego, da Baixa, onde o serviço é pessimo, a apresentação provinciana, e os preços semelhantes quão não mais que os nossos—aos dos bons *restaurants* ou se vê obrigado a frequentar tabernas autenticas, dum ambiente encardido sinistrado e impróprio do século XX. Não existe em Portugal um só daqueles admiráveis restaurantes, Grand-Hôtel que abundam no estrangeiro, alguns com trez e quatro andares, cem creados e mais de dois mil clientes a cada refeição e onde se pode jantar uma só ou *hors-d'oeuvre*, um prato de carne ou peixe; outro de legume; queijo ou fruta ou d'ouzo; vinho ou cerveja ou leite ou água mineral ou gozoza, ou chá ou café (e as cartas por onde se faz o *menú* têm dezenas de sopas, de variedades de carne e peixe, legumes etc. á escolha) desde 5 francos! E já foram a 3 francos! E ainda hoje, em Paris, em certos bairros os há—3 francos e 75! Mas, nos outros séculos???

Da Estalagem do «Ursos» à das «Índias»—em Coimbra e Lisboa

Portugal, graças a Deus, nos séculos de decadência ou de gloria e abasandança troçou sempre por um provincia nismo humilhante, no que se refere a *civilização* *mueritel* sobretudo se o compararmos aos outros países mesmo em épocas pouco gloriosas e menos abastadas. E na materia que este artigo trata esse provincianismo e esse atraso não fugiram á regra.

As primeiras noticias concretas e detalhadas que chegam até nós sobre *estalagens* distam do reinado de D. Pedro I, o cruz. Vem ellas num livro de mosaico historico, pouco conhecido, do Dr. Abel de Azevedo (1873) no qual se transcrevem as cartas em que um francez illustre conta ao proprio rei da França as suas desventuras no nosso paiz. Passada a fronteira andou, leguas e leguas, antes que encontrasse onde se hospedar; sendo algumas vezes, obrigada a pedir hospedagem para si e para os seus desconhecidos, nas aldeias. Só em Coimbra encontrou a «Estalagem do Ursos»—um «Palácio» para a época. Escutim-lhe: «Calcule V. Magestade que havia apenas tres quartos, se quatro andavam chamados a tres patos mal

e quais os seus
preços, em Por-
tugal



Uma estalagem do século XVI

á parte. William Pitt, o discutido inglês que nos visitou no reinado de D. Manuel e que de elle obteve autorização de acompanhar D. Pedro da Corte, á India—conta algures que um jantar na estalagem liboeta hevia pelo preço numa semana de hospedagem em Londres; e que na estalagem das Indias, vivia-se numa permanente festa, noite e dia tomando vinho com catadupas e comendo-se como em Babilonia!

As estalagens do Porto e o polaco «Kapiok»

No reinado de D. João IV, Lisboa viu reduzir-se a menus de metade, as tres ou quatro duzias de estalagens que possuia—visto que muitos pertenciam a espanhóis (já nessa época os galegos vinham a Portugal a negociar nêstie ram). É a revolução de 1640 os afugentara. Daí as que pertenciam a portugueses e que continuavam abertas abusarem e explorarem mais ainda dos forasteiros. Uma simples merenda na «Sombra da Figueira»—taboleta pitoresca de uma estalagem para as bandas de Arroios, do mais reles estilo e da plebeia frequência... fixa (e as visitas que entravam na Capital por aquê lado eram obrigadas a pernoitarem ou comerem ali); uma merenda—diziamos regida apenas por dois quartilhos de vinho custava (quivalente hoje a 15 escudos e uma dormida não ficava por menos de quarenta escudos noturnos). Vija-se o que diz a este respeito L. do Villar no seu romance historico «Ospesctros, de Cast. I».

Vvia então, no Porto, um cavalleiro chamado Gaspar Coutinho que, por meio de certos misteriosos, conseguia que lhe conferissem o privilegio exclusivo de abrir e negociar em estalagens no local onde hoje es á a Praça da Batalha. Em 1649 era proprietario de cinco estalagens quasi pagadas umas ás outras—onde pernoitaram aos 10 de agosto, o cutleiro de Guimarães, Antonio Leite, pai do infeliz que attentou contra a vida do primeiro monarca brigantino. (Ver «A Filha do Regida», de Camilopag. 14). Gaspar Coutinho era um homem sabio e a elle se devem algumas melhorias na sua industria. Foi elle o primeiro a pôr, a disposição dos hospedes creados no quarto, á ferreirinhas duas de banho (inas?) a tomar conta da lavagem da roupa, etc... Cada uma das cinco estalagens tinha a sua categoria e a sua clientela. Só uma noite reunia, nas cinco, cento e tral dormidas—não falando nos fregrzes que entravam e saíam só para comer ou beber ou aquêles que pernoitavam—dormindo na meza.

Mas não julguem que estes ultimos habitavam uma dormida totalmente gratuita. Contudo levava aos desgraçados que não podiam alugar um quarto (os mais modestos custavam 300, 400 e 500 reis) 50 reis para se deixarem estar sentados das 10 da noite até á manhã seguinte; No século XVIII, em que fomos muito visitados por estrangeiros—moro era o forasteiro que não lamentava os nossos estalagens e não accusava os denos de ladrões: «Lisboa tem uma pulação horruente de mais de 1.500 estrangeiros—mas estes só quando não tem um amigo é que se hos edam nas estalagens»—conta o Cavalleiro «Oliveira, nos seus «Amusements Portugueses», em 17.º—e, como se sabe, beneficiou a vida nacional, embora tivesse emigrado aos 16 anos e morreu em Londres, aos 70, sem nunca mais ter posto os pés em Portugal. Nos finais do século—as hospedarias mais

vedados e com tabiques de panos; e como todos tinham muito espaço, arrumavam dez e mais hospedes em cada um. Fidalgos da corte em jornada, detavam-se no mesmo leito do que os vilões ue aspecto s stidor.

Ei e os meus amados dormimões, todos, no mesmo quarto e alguns no soalho—porque todas as camas estavam ocupadas e na minha havia um frade e dois irlandezes de tão mau aspecto que não conseguia socegar! Só se nota a diferença de classes na casa de entrada da estalagem que serve de comedor e de cozinha. Ai, os forasteiros de certa categoria a um lado e os plebeus ao outro. De manhã até á noite e de noite até de manhã está sempre cheia de gente que come, bebe, birra, discute, ou dorme de cotovelos vincados nas mezas! Os preços variam... seguindo os viajantes. Eu paguei pela noite que la dormi—tres soldos (soldo francez, algo semelhante a doze escudos actuais)—mas ao frade apenas se exigiram meio soldo. Ua jantar composto de uma sopa gordurosa e negra, de cabrito assado no e peio, á maneira arabe cu tou-me quatro soldos. Os meus criados, que eram qu tro, um soldo; e a um jovem que depois jorndeuou comigo, dois soldos».

No inicio da segunda dinastia existiam em Portugal, espalhados pelas estradas e conhecidos pelo governo—apenas vinte e sete estalagens—e algumas, como a «da Vigia», no caminho de Santarém para Lisboa, ficaram ceneiras pelas tragedias a que serviram de palco (fines, desordens, etc.) Só no reinado de D. Manuel—e depois até á perda da nacionalidade, é que as estalagens melhoraram um pouco, devido á grande affluencia de estrangeiros. Havia então



Um café de intellectuais no final do século XIX

algumas famosas em Lisboa, como a das «Índias»—notabilisou-se pela casa de apresentação, e zinhando sim ilmente para os palatas es dos varios forasteiros que a frequentavam, chegando até a contratar pessoal holandez, espanhol, italiano e ingez.

Era a mais cara da época—e a hospedagem mais modesta não custava menos do e juvenlente a 50 escudos da nossa época. E sem contar com a comida, porque nesse tempo como agora, a moda americana a comida nazava-se

Uma reportagem alegre

O que foi o dia do Tostão Teatral

No Parque Mayer

E o que os artistas confidenciaram aos nossos reporteres

Provou-se mais uma vez que o nosso publico tem uma franqueza carinhosa pelos seus artistas. Sempre que se anuncia qualquer festa, onde a gente do teatro desça do palco e venha conviver com o povo este não falta nem se esquivá á contribuição moral e material que lhe exijam. Não quisemos deixar de registar nas nossas paginas algumas impressões dos comediantes que colaboraram na original festa—«O Tostão Teatral», realisada no Parque Mayer.

«Qual foi a maior emoção que sentiu no dia de hoje?»—«Qual a diferença que sentiu representar sob a luz da ribalta e... a luz da vida real—como hoje?».

Responde-nos em primeiro lugar Auzenda de Oliveira, que como Cecil Sorel possui o filtro da juventude eterna:

—«A minha maior emoção é ver o carinho com que o publico nos trata.—Tem mais verdade o meu papel de hoje; nunca interpretaria nenhum com tão boa vontade.

Dina Tereza—que adquiriu o monopolio de a «Severa» por alguns anos responde-nos:—«Quando conseguir saber o resultado das minhas gorjetas—respondo a quem perguntar.—Sinto-me sempre á vontade, no palco ou o vender rifas ou no «ecran»... O publico é tão bom para mim!»

A gentil Maria Amelia, sempre sorridente, diz:—«Conseguir uma grande receita, seria a minha maior emoção.—A diferença entre o palco e... «isto» consiste apenas no seguinte: este lugar é mais são do que o palco.

Carolina Simas, a infeliz vnededeira de bugangas, lastima-se, diz—do-nos:—«Desejava fazer muito negocio e não fiz. Que diferença? Muito grande; preferia ser

deste «metier», na rialidade, para poder responder como devia a certas perguntas inconvenientes com que fui «brindada» durante a tarde».

Depõe Ema de Oliveira, a popular Ema, que tem sido a permanente alegria da festa: «Só me emocionou ao saber que a receita foi uma coisa «fixe». Quanto á outra pergunta, não sinto diferença alguma, acredite. Sempre que estou em contacto com o meu querido publico, sinto-me feliz. Com licença *Oh santinho!*, compre-me o *ultimo*».

Estevão Amarante, o chefe de policia de transitio, verdadeiro terror dos pedes, é por vezes «cruel», (multa porque se anda a fumar, porque se não fuma, porque se tem a barba feita... porque se usa oculos... ou se anda sosinho)—responde-nos:—«A minha maior emoção foi ter scmdado ao fim da tarde mil trescentos e



O nosso director, preso (III) á entrada do Parque, vendo-se entre os policia captivos. Os actores Amarante, José Alves etc.

setenta escudos de multas. Sinto-me á vontade e satisfeito por colaborar em obras desta natureza. Sinto-me mesmo feliz e estou sempre pronto a dar a minha colaboração aos colegas».

José Morais, bem disposto, procurando por todos os meios atrair o publico á sua afreguesada barraca:—«O brilhantismo inedito que revestiu a esta feira, em festas de artistas—foi de facto, a minha maior emoção. Quanto a tal diferença de que me falas... não sinto diferença alguma!»

José Alves, no papel de austero dono da «pipa» da agua pé, passa o tempo procurando os conhecidos para os levar ao «estabelecimento», convencendo-os de que têm sede:—«A minha maior emoção foi, depois de ter jantado, andar 48 horas a trabalhar para a «malandragem» do

teatro, de que faço parte. E em quanto á diferença—um artista representa sempre... e com alma!»

José Vitor, outro socio da pipa, especialista em pasteis sem bacalhau, mas que oferecia, e vendia como tal diz: «E moção? Foi quando me apareceu o primeiro freguez: a mão tremeu, tremeu e... entornei o vinho! Depois habituei-me! Foi como se, passadas as dores de barriga duma «premiere»—a peça fosse por ahi fora com grande exito».

Antonio Nascimento, o homem que nunca tinha copos vazios:—«A minha maior emoção foi que tinham «prendido» Leopoldo Odonell».

Á saída da esquadra, onde tinhamos ido pagar a multa, pelo «grave delito» de andarmos a passear, o actor J. Pacheco, diz-nos:—«Chefes como Amarante devia haver um em cada esquadra. Callazans, acrescenta:—«Sem ele, nada tinhamos feito. (Um cavalheiro que saía á nossa frente e que contava já um grande numero de prisões, ao ouvir a opinião deste exclama: «Livra! Era posto nas Colonias, degradado)».

Muitas outras opiniões registamos, mas infelizmente não são de molde a publicarem-se porque, pelos disparates que encerram, marcam bem a intelligencia e cultura de algumas das nossas artistas.

Nesta interessante festa, recortada pelos mais curiosos e ineditos episodios devemos destacar o esforço de Augusto Soares que construiu o Teatro fantastico, emprestando no meio de toda a alegria uma das notas mais brilhantes. Augusto Soares diz-nos sentir-se satisfeito pelos resultados obtidos e estar crente de que o publico ama tudo quanto é genuinamente português.

Lamentamos terem sido precisos os serviços da gente estranha ao teatro e, infelizmente pouco recomendavel. Enquanto estas pessoas procediam á venda de diversos artigos, algumas artistas passeavam alegremente pelo Parque. Se as senhoras artistas não se queriam incomodar, seria bom pedir o auxilio das coristas essas simpaticas raparigas sempre prontas a sacrificios,

Quereis dinheiro?

Jogai no

Gama

R. do Amparo, 51 - LISBOA

PREÇOS CORRENTES

Pelo correio mais \$80 para registo

SEMPRE SORTES GRANDES!!!

“GARANTIA”

COMPANHIA DE SEGUROS
(FUNDADA EM 1853)

Capital Integralizado Esc. 1.000.000\$00
Reservas em 31 de Dezembro de 1927
Esc. 6:011.363\$35

Os segurados da «GARANTIA» devem ter sempre em vista que nenhuma outra Companhia lhes pode oferecer maiores vantagens: o seguro de vida obedece á mathematica e esta é uma só. O que os segurados devem exigir é donidade da Companhia, e, neste ponto, a «GARANTIA», tem a escudalia o seu passado.

SÉDE

Rua Ferreira B. rges, 37—PORTO
(EDIFICIO PROPRIO)

DELEGAÇÃO CENTRAL

Praça da Liberdade, 13 e 14
Casa Bancaria Souza, Cruz & C.a, L.da

DELEGAÇÃO EM LISBOA

Rua de S. Juliao, 63 a 71
(EDIFICIO PROPRIO)

A tiragem dos jornais

Quântos exemplares se vendem em Lisboa dos periodicos da capital

O ritmo das tiragens, para a venda avulsa, dos diários de uma cidade, capital do país, foi, em tempos recuados, o mais precioso barómetro da cultura do povo. Estabelecidas as regras de proporção populacional, encontrava-se o índice seguro da cultura popular, e observava-se, como fenómeno curioso, as varias tendencias ou morbidez para os multiplos aspectos do jornalismo. Notava-se a preferéncia para o genero de campanha, politica ou comercial, a predilecção pelo jornalismo emocionante, em novela policial ou enredo dramatico, ou o gosto para o «fait divers» do jornalismo quotidiano.

A evolução dos nossos costumes, alguns fenomenos regressivos, factores diversos, de ordem economica e politica, «tuti quanti» forma o enredo do drama social viram desmentir as regras e comprometer o raciocinios. Não pôde hoje avaliar-se pelo ritmo das tiragens dos jornais o grau de cultura do nosso povo. Seria aceitar um panorama de ignorância, que causaria calafrios e quasi nos transportaria à estrada que conduz á mentalidade troglodita. Felizmente, ante todas as desgraças e calamidades, o grau de cultura do povo português é superior, está coloca dono mesmo plinto de perfeição, que não sendo tudo quanto os nossos anelos espirituais ambicionam, não nos inferiosa a essa infima escala cultural.

Não cabe neste esquema doutrina sobre o importante problema. Nem precisamos estabelecê-la com demonstração elucidativa do retraimento, também chamado divorcio, do publico pela compra dos jornais. Quem é que não sente as determinantes do fenomeno? E depois há a atender a situação economica que se atravessa, espartilho cruel dos gastos superfluos, algema feroz da aquisição do que não constitue artigo de primeira necessidade. Ora o jornal, para muitos espiritos, não é um genero de primeira plana.

Números alinhados como soldados vencidos

O exercito de Gutenberg, os vinte e cinco soldados que constituem o nosso alfabeto, não é forçado às mesmas marchas ruidosas. Dir-se-ia que se fizeram todas as conquistas, que não há posições a ocupar. A estrategia enfraqueceu. O ruido da metralha quasi emudeceu. Só de longos espaços se ouvem, parece, no entanto, que sopradas, por legionarios tuberculosos os clarins de Gutenberg. O número de jornais, a proporção de soldados é infima. E, todavia, as grandes conquistas da Imprensa são ainda blagues espirituosas. Os trofeus não se encontram ainda na nossa posse. Ficam para

A eloquencia dos números — O índice da cultura popular — As circunstancias que forçaram a redução das tiragens — Os exercitos de Gutenberg — Uma observação curiosa — A entrevista com um velho tralhador da imprensa — A garfice dos «ardinas» e a sua psicologia



Minutos antes da venda do jornal. No centro: um velho chefe de venda — o do diário «Republica»

O exercito de Gutenberg foi reduzido nos seus efectivos. De trinta corpos do activo, número de diários que já lutou animadamente na capital, existem apenas hoje oito. Os números desses corpos activos do exercito de Gutenberg têm uma linguagem escaldante de expressão e vigor da época que se atravessa. Falaremos, pois, da venda avulsa dos periodicos da capital, o que em gíria de «ardinas» se convencionou chamar a «venda ao balcão». O leitor vai conhecer o numero de exemplares que cada jornal faz sair dos «guichets», cada dia, para a venda em Lisboa, sugeita, contudo, às sobras, devoluções. Avalie e diga-nos se os efectivos deste exercito formidavel, orgulhosamente considerado o quarto poder do Estado, não estão reduzidos e se o «statu quo» não é confrangedor, índice da situação anormal em que a imprensa vegeta. Observe, pois com cuidado:

«Diário de Noticias», 50,000; «Seculo», 18,000; «Diário de Lisboa», 14,000; «Repu-

rio da Manhã», 1,100; «A Voz», 1,000; «Novidades», 50. «O Jornal do Comercio e Colonias», o decano da imprensa diaria alfacinha, não tem venda ao balcão, isto é, não se vende nas ruas. A sua tiragem limita-se à assinatura comercial. Em subsequente análise observamos o que vai pela imprensa não diaria de venda avulsa: «Ridiculos», 6,000 exemplares; «Sempre Fixe», 5,500; «Sports», 2,000; «Stadium», 1,500; «Noticias Ilustrado», 1,000; «Sport de Lisboa», 800; 700 Publica-se ainda diariamente um jornal politico, parece que mantido pelos partidarios do integralismo que tem uma venda avulsa, aos «ardinas» de 500 exemplares.

Preguntará o leitor: e a imprensa que se dedica ao genero de reportagem policial? Por delicadeza espiritual e melindres de facil compreensão não devemos apresentar numeros para que as boas almas não inventem que de nossa parte há qualquer exteriorização de vaidade. Nem carecemos de confrontos nem nos interesam demonstrações de força.

A expressão do grande barometro

A reportagem só estaria completa desde que arquivasse as opiniões dos chefes de venda. O «guichet» das casas de venda dos jornais é o melhor barometro do ritmo das tiragens para Lisboa. Mas quem consegue arrancar, com a responsabilidade dos nomes, algumas palavras a estes humildes trabalhadores da imprensa? Há sempre o receio de uma perseguição, o medo de que uma informação possa comprometer o seu «pão-sinho». No entanto, com um pequeno esforço, não foi impossivel saber-se da boca de um desses servidores:

—Estou há mais de vinte anos nos jornais. Bons tempos em que não havia mãos a medir. Era tantos diários que não chegavamos para as encomendas. Hoje é o que se sabe: menos periodicos e de tiragens reduzidas.

Quizemos saber das razões. E o bom velhote sorri e acrescenta:

—Os senhores jornalistas sabem melhor do que nós porque mandamos para a venda tão poucos jornais... Não me peça opinião...

E agrega em esclarecimento às nossas perguntas:

—As diferenças entre os dois primeiros jornais residem no facto do «Diário de Noticias» ser um órgão popular das criadas e de toda a gente que carece da publicidade. Um elemento a contar é também a sua tradição. «O Seculo» vende menos em Lisboa, mas tem

Como eram a estalagem, o botequim, etc. etc.

(Conclusão da pag. 11)

afamadas—como as de Belem, a do «Ruso», proximo da Rib. fr. (fundada por um portuguez que vivia na Russia e que fora barbeiro do imperador) e sobretudo a do polaco Rapi-k, começaram a modernisar o serviço de venda de comida e bebidas ao publico, iniciando o negocio de botequim—embora continuassem no mesmo atraz, no referente a hosped. g. m. De todos foi o «Rapi-k» o mais habil—oferecendo musica para atrair clientes, e arrebanhando criancas p. nris e pouco escrupulosas, na maioria esp. nholas, italianas etc.) para servir ás mezas. Entre as novidades do polaco, cujo passado e causa de vinda para Portugal, foram smp e misteriosas, e suspeitas—(Pind Mangia, anos depois, expulsava o filho) ces'acase a montagem de um salão secreto, onde depois das horas legais e até alta madrugada, frades, poetas, bozios da epoca, se embriagavam, brutalizavam as moças e corria mu. lta. Uma especie de «cabarete», com correspondente «jazz-band» e correspondentes «papillons». Diz em alguns entendidos que do apelido deste estrangeiro—«Rapi-k»—é que veio o termo banliano de «rapieca» como sinónimo de «pendega». Pois bem: em casa de «Rapi-k», que primeiro esteve mt-lada para as bandas da Junqueira, (leiam o «Segredo das Torres» do Reporter X) e depois na Rua de Santa Antão—uma ceia vulgar era o'çala por dois cruz. dos (1) e uma galinha assada, com respectivos acompanhamento, pão, vinho e um caldo—150 reis!

O botequim, o restaurante e a pensão familiar

No principio do seculo XIX—os botequims, iniciados por um Grego (o botequim do «Grego», onde está hoje o cinema do Arco da Bandeira); multiplicaram-se rapidamente: o «Niola», o «João», o «Relva» etc. Um calice de genebra ou cognac custava 30 reis. A moda do *restaurant* foi implantado por um francez—Honore Levain—moçon perseguido por Panigie—que fundou a primeira casa de pasto em Lisboa, na Rua do Ouro. Um jantar no «Francês» (era assim conhecido, o *restaurant*) ficava por 200 reis, no pior da hipoteses. Dois ovos, em qualquer estilo, pão, vinho e fruta, custava 50 a 60 reis! Depois vieram o «Manase»—de cujos bites ainda hoje se fala e que no tempo estavam avaliados em... 80 reis; o «Endes»; o do «P. seio Publico»; o «Neve» e por ultimo o «Estrela Douro», os «Irmãos Unidos», o «Leão Douro», o «Vigia» etc. A primeira estalagem que tirou o

título de hotel foi o de «Águia Douro», no Porto. Custava a diaria 600 reis—e só os ricos a aceitavam sem regatear. E era *tous compris!* Ainda em 1914, antes da guerra, existiam em Lisboa hotéis de 2.ª o d m cuja diaria não passava nunca de 800 reis. Uma «guia de Caminho de Ferro» da época encontramos, entre os anuncios, nove hotéis com essa tabe! e mais de outro tanto, de 3.ª classe, a 700, 600, 500 e 400 reis por dia. Um exemplo deste ultimo era o Hotel do Amparo. O sistema das pensões é mais a origem do que o dos *restaurants* e hoteis. Já no tempo do Cavalleiro de Oliveira (1730 ou 1725) existiu uma familia cujo chefe morrera o advogado Rosa Pinto sem deixar uma filha e a viuva viu-se obrigada a montar uma pensão, cujos preços variavam entre 4.500 e 8.000 reis mensaes. No tempo de Jimot—a hospedeira nessa pensão custava pouco mais (6.000 a 9.000 reis). Em 1840 o governo civil estava informado da existencia de trinta e seis pensões. As mais caras eram até 18.000 reis; as mais modestas estavam ainda nos 9.000 reis! Estes preços mantiveram-se até á guerra...

Mas veio a guerra—e cada ano que passava Deus não melhora antes pelo contrario. Os hotéis mais baratos de Portugal pedem 15 a 18 escudos diarios—e os mais caros cem escudos quando não pedem 120 ou 150. Um jantar em conta, num *restaurant*—são 12 escudo; assim modesto—7; num *restaurant* de certo ordem por tr. até 50 ou 100 escudos! E as pensões familiares, as de 6.000 a 9.000 reis—estão a 500 e 600 escudos! Tudo evoluciona—mesmo quando marcha a passo de tartaruga, como Portugal...

A tiragem dos jornais

(Conclusão da pag. 13)

maior correio, isto é, maior expansão na provincia. Só com uma das suas muitas campanhas conseguiria igualar-se em tiragem ao seu concorrente.

—São grandes as oscilações nas tiragens destes diarios?

—Não senhor. Téem já um publico certo. Sabe-se o numero exato de exemplares que vendem, salvo o caso de um grande acontecimento, nos jornais da tarde é que se dão essas oscilações. Basta que o ardina descubra um grande assunto, na materia dos casos, ainda não observado pelos jornalistas, para aumentar os pedidos.

O nosso amavel informador vai prosseguindo:

—Na situação presente poucos dèsses acon-

tecimentos aparecem e não há emoções possíveis. Recordar-me eu que a «Cip-tal», quando era dirigida pelo sr. Manuel Guimarães, em concorrência com varios jornais conseguiu a uma linda tiragem de 30.000 exemplares. Hoje só a «Republica», embora em numeros inferiores, nos dá essas surpresas. No entanto, registre que aquêie ve-partino já tirou 60.000 exemplares. E' uma miseria o resto. Dificilmente se ganha para comer».

A renda da «Republica» estava a abrir. A' amabilidade do sr. Antonio Maria de Carvalho, administrador daquelle diario, se deve a coizita das impresões directas sobre o movimento diario das vendas avulso. O chefe dos respectivos serviços tão esfinco como os seus colegas, mas por outras razões, prepara as expedições. E segundos depois os «arminas», alegres e garrulos partem velozes, gritando num pregão de triunfo o titulo do jornal.

Os Vampiros de uma grande obra de assistencia

(Conclusão da pag. 10)

distribuir uma acção no tribunal do Comercio do Porto em data de 10 do mês p. p. e pedir á E. S. N. P. 917 contos e tal. Para que p. s. m. absorver tudo, e eu fique ludibriado ainda em mais esta soma e els com tudo na mão.

Entendido? Quer mais esclarecimentos.

Quanto aos Sanatorios nada.

Quem agora banquetear-se á custa dos tuberculoso e á minha.

Que lhes importa que tenham por ano 30 a 40.000 tuberculosos que mais doutros tantos agonizam nesses baticas, desde que els os tar ufos, os mascarados de benemeritos—gosam á tripa forra, em cultos delicias-lo-se em nobabecos banquetes e se refestelam em camas de molas.»

Calou-se o Dr. Antonio Ramalho. Os seus olhos vivos e inquietos relancearam os meus, de xando, ne-se relance, o reflexo de sua infinita tristeza—mais forte ainda do que a sua legitima revolta.

Leiam o «O Reporter X»

TEATRO VARIEDADES

Duas Sessões A's 8 3/4 e 10 3/4

A revista formidavel de interesse e de crescente novidade

PIM! PAM! PUM!

Luiza Satanela, no «cartaz da moda»

Quero vêr você chorar

Beatriz Costa, no COCHICHO Tango Dramatico e FADO DO POVO

Grande exito do quadro

HAJA ONIÃO

TODAS AS NOITES

PIM! PAM! PUM!

Triunfa no VARIEDADES

VISITE A

Patisserie Versailles

Avenida da Republica, 15

Lunches para casamento e batisados

Esmerado serviço

Telefone n.º 8219

LISBOA

Auto Estefania

Stand

Venda e troca de Automoveis usados

Telefone, 3134

Rua Alexandre Brags, 27

Lisboa

Homens & Factos do Dia

(Conclusão da página 3)

ria, e como eles não nos podem acusar de egoístas, visto que o seu egoísmo é mais impudico ainda—passemos ao disco n.º 2...

«A estúpida Siécl XIX!» «Stúpide» porque destruiu os seus diéis; porque as castas nacionais venceram na luta intellectual com os intellectuais do povo que os desbaratou e venceram! Conclusão pitoresca: como os presidentes antigãos, os esculpidos não são os vencidos—são os vencedores!!! Sim, porque a victoria do liberalismo no século XIX foi da mental de Victor Hugo a Anaóki; não se dá liença, a um só caso de intelligencia razoavel. Estupidos todos! Intelligentes, genios—os outros, os que digarraram e se declararam por não terem argumentos com que rebater a logica dos adversarios; genios os que necessitaram cem annos de preparação para encontrar um truc com que atacar quixotes a mente as ideias, lançadas pelo *seculo estúpido!* Mas há mais ainda: «é ses principios na ó ambreia como são ridiculo, porque são... velhos—firmam áles. Ri lmente é caricato vér um homem do século XX de fender as ideias que se discutiram e se lapuseram no século XIX! Em compensação, não existe mais laroe de ineditismo, de originalidade, de modernismo, de novidade fresca e desempoeirada e avançada—do que a dos neo conservadores, requirandias pobres da idade media e pretendendo ino gil—s como novilhas em folha... A liberdade é uma antiquilha de bric-à-brac porque tem cem annos! O nacionalismo, o bolutismo, as formulas governamentais e sociaes do tempo da burocracia medica, das bruxas, das je, da vela, de heroismo e analfabetismo barbaro de Afonso Henriques, ou da crueldade epilitica do D. Pedro I ou da estupidez asnetica de D. João III—isso sim, é moderno, é o que está á medida e em ritmo com o século em que u cirurgião do T. kio resuscita u individuo que morreu um quarto de hora antes, em quoutro d. Buenos Ayres se opera a si proprio d apendicit; em que Piccard viaja pelo espaço, entre outros como nós pelas estradas: em que o radio atinge todas as maravilhas; em que Mussolini proclama a necessidade para Italia de uma lei semelhante a do Quinquinal; em que as ciencias físicas, politicas e morais tornam possíveis todos os inverosímis—contrariada ap nas pelatimas legiões d's privilegiados sobreviventes! «Sar nacionalista é regressar aos sabios secul em que mandava quem devia e o povo, obedecendo em vez de mandar, era mais feliz...» E-c-pa-hes a boca para a verdade—para a idltria pela lamparina de zéite—e não, nos expli cam porque nes-á épocas, mandava quem devia—ou seja o rei absoluto. Será possível que eles nos queiram convencer do tal *diteito di vino* no refrente aos soberanos? Não accetndo esse dogma—não compreendo porque considerem um direito e uma maravilha social—o rei absoluto! Se esse sistema se esquivava a todos os exaões, a todas as seleções—e apenas acit, como logico, o acaso, fruto das intimidades amorosas de dois individuos de... sexo diferente—caso es-a que é plás, o mesmo segredo de nascimento de todos nós, senhoras e vassaloes!

Mas o mais desconcertante ainda é a afirmação de que o povo era mais feliz então do que hoje! Em que se baseiam? No facto de que o coixavam vegetar numa animalidade que lhes dispensava de todas as comodidades, de toda a dignidade, de todos os direitos. Nesse caso—é os que tal afirmam deviam criar os filhos nouterra abs luta, substituido o leite fof, p-la palha da cocheira, os ovos e os «rostoei» e o leite esculido pelo pão duro e p-lu agua suspensa; os irjes caças, pelos andrajes; o cinema o teatro, o campo de tennis pelo subterraneo sem ar nem luz; os livros pela ferramenta do op rario; os professores pelos negocios—porque assim omenios seriam mais felizes do que são, passando a vida reglada que levam!

Mas no disco seguinte—o n.º 4—dizem que o rei absoluto é responsavel de todos os actos do

governo. E que os sistemas democraticos são *acefalos!* Que gratias lhe pagamos em que lher historia—na nos-sa, por exemplo; passamos revista aos nos-sos reis absolutos—e o que se delecta logo é a responsabilidade dos cavalheiros! Vê-se o D. Fernando a prestar contas no vellas idões que e meteu—e esse povo a preparalhe uma desompostura e a de-p-dilo por inerte e na figuraz (E se não, que se pergunte á D.ª D.ª affi te que ousou meter-se na vida d monarca fôrmo q, quando foi do caso de Leonor Fles e ele que dignas civiias que o carasco lhe fez, como pr-mi de exigir responsabilidade do rei e á r-l-h-j! Vê-se o D. Manuel I a aporohar nichos de gralhas do povo por esta jor o dinheiro do Estado, Vê-se D. João III a dar contas ao povo dos crimes do seu fãntomo esrupto e cuve-se o povo a dizer «N o tornes a esturbar judeus p rje de contrario vades par o olho d ruz que a gente já tem em visto, outro rei absoluto mais em conta, com bens reoficados te outros povos q se viu e que p-m-s os *responsabilidades*... Vê-se D. S bastião a tomar a *responsabilidade* d' tragia aventura de Alcazar Koi; ve-se D. J.ª V.ª a ameaça de ser julg d em correição pelos desfalques que cometeu; e em riscos de lhe trarem a chave da porta da rua para não dar mais os scandulos e mas freiras; ve se, por ultimo, D. José e D. Miguel—a fizeim o balmço no fim de oito annos de seu reinado e a apresentarmos o povo, aguardando o parecer do e-nu-ho fiscal para saberem se podiam ou não continuarem no trono...

Mas esses senhores supoem por acaso, que Duudet falava a serio quando alcu hou de Estupido do século XIX; e que nós, os que a o pphamos a evol ção das coisas debaudas, nesse secul, somos tão estúpidos que n s é deix-mo-stant-r corios j-pudi os e cusad s desafi s á intelligencia e ao bom senso mais elementar? Bem sei que é quasi ridiculo responder e comentar idias cadaveres; mas se de tempos a tempos não s lhamos uma guga hidas—es cavilheiros são incapazes de n s julgem... convencido! E são no-pr que ép e i o. de fact u uma gran te ingenuidade para contritos, idias de gente oranca como tais argumentos de bebé...

Reporter X.

Existe em Portugal uma seita de "mormons"

(Conclusão da pagina 9)

seita (e digo seita porque... já lhe explico porquê); outra pessoa é que é o tal amigo da familia que foi a causa da descoberta da verdade ficou entre a vida e a morte, atacado a tiro por uns desconhecidos

«De investigação em investigação concluiu-se que o dr. Livado, usando varios nomes era cinco ou seis vezes bigamo. Mais tarde descobriu se que elle possuia uma quinta entre Cintra e Cascais—e que nela reunia todas as suas esposas. Dirá V., e como é possível essa infamia sem que venha a publico... E' que as familias são as primeiras a occultarem a verdade—não só por pudor e medo do escandalo, como tambem por temerem represalias no precioso refens que o canalha tem em seu poder—ou sejam as esposas! Alem disso a *seita* (seita, sim!) recrutou todo o genero de banditos que lhe são fieis e que não exitam em castigar irremediavelmente os que falam ou os que dificultam as suas manobras.»

«São muitos—os bigamos pertencentes a este horrivel maçonaria. A V. não o alarmou a frequencia com que os jornais noticiam o desapparecimento de pessoas? Este é dos sintomas mais eloquentes!»

O alarme...

O que o meu confidente me revelou a seguir—não o posso comunicar porque... está em risco uma vida! Mas o alarme está dado: existe em Portugal uma seita de *mormons*—organizada pelo Rev. Christian!!!

O Calvário dos emigrantes deportados

(Conclusão da pag. 4)

homem no numero de indesejáveis devolviam de presente à terra dos antepassados? Al Capone,—apressou declarar Mr. N. Doak, Ministro do Trabalho.—é cidadão americano e como tal pode ser deportado...

A lei é dura, porem para os não Americanos.

Recentemente por não ter requerido tempo a licença necessaria para uma hora de mais alguns mezes nos Estados Unidos o conhecido jornalista e novelista Mr. John Copper viu-se subitamente atacado por uma força de policia emigratória que, sem consideração o tra como um *outlaw* (óra da lei) mantendo sob prisão durante cerca de dois mezes até que—mexidas altas influencias, conseguiu ser transportado até Ellis Island aguardar o transporte para a Europa... indesejavel por desrespeito à lei...

* * *

Não vás Antonio, não vás Manuel, não vão irmãos nossos, para essas terras estranhas, empregarem o vosso esforço e energia que tão poucas vezes é compensado com a justiça merecida.

Para padrão da Gloria Nacional e certeza de que na America alguma coisa existe do nosso esforço actual, lá estão, para atestar, alguns milhares de irmãos nossos—quasi irmãos—que falam a nossa lingua tambem...

Se e tiverdes na triste condição de de trocar a pacatez da vossa aldeia por aventura dum novo e mais largo destino procurai ainda em Portugal que achareis terra de que precisais, nas suas provincias d'aquem o dalem mar, onde tereis a grande e incomparavel consolação de estar e vossa casa, na casa que nossos avós procuraram e defend-ram para nos receberem vossa piriqua, com o vosso trabalho honesto a tornais digna do grande esforço Nacional que ela, de facto, representa.

Na propria casa até os servos são senhores. Antonio, Manuel Joaquim... não emigrem para as terras dos outros.

Viajando pelo mundo sem gastar dinheiro

(Conclusão da pag. 5)

bailarino profissional, *chouffeur* de tax carroceiro, carregador, cosinheiro, policia particular, manequim, distribuidor de propeitos e director de «abireta»!

E tem apenas 25 anos!

ANUNCIAI

— NO —

REPORTER X

Fixador
NALLY



*Doma os cabelos d'uma ma-
neira absoluta*